

## Um Personagem, Dois Heróis: uma análise sobre a construção do herói Harry Potter na literatura e no cinema<sup>1</sup>

*Marília Montandon Carvalho<sup>2</sup>*

*Daniel Gambaro<sup>3</sup>*

### Resumo

A proposta deste trabalho é analisar a construção do arquétipo do herói no personagem Harry Potter tanto na literatura quanto no cinema, levando em consideração como as duas mídias se diferenciam na elaboração de uma narrativa, e como isso afeta a construção de um personagem. Também são observadas como as alterações feitas no roteiro em relação à obra original mudam a maneira como observamos o desenvolvimento de Harry e como isso influencia o modo como ele responde como herói.

**Palavras-chave:** *Harry Potter; Adaptação; Roteiro; Literatura; Herói.*

### INTRODUÇÃO

Uma mensagem sofre alterações de acordo com o meio pelo qual ela é transmitida, mas o essencial permanece ali. Quando um livro é adaptado para o cinema, teatro ou TV, algumas vezes tramas, situações e personagens são eliminados, acrescentados e/ou modificados para se adequar melhor à mídia em que a história será veiculada.

Tanto a literatura quanto o cinema possuem linguagens diferentes para se contar uma história. Apesar disso, “sabemos também que o cinema e literatura bebem, primeiramente, do gênero narrativo e por meio dele se constituem, não unicamente, mas principalmente” (AMORIM, 2010, p. 1732). Ou seja, apesar das diferenças, quando se

---

<sup>1</sup> Este artigo é derivado do relatório de pesquisa realizada com bolsa do Programa de Iniciação Científica da Universidade Anhembi Morumbi, entre os anos 2012 e 2013.

<sup>2</sup> Aluna concluinte do curso de graduação em Rádio e TV da Universidade Anhembi Morumbi.

<sup>3</sup> Mestre em meios e processos audiovisuais pela ECA/USP, professor de Rádio e Televisão na Universidade Anhembi Morumbi.

trata de uma ficção, os dois meios se assimilam em sua origem, ambos se tratam de narrativas. O que muda são as ferramentas que o cinema e a literatura utilizam para se contar a mesma história. “A *adaptação* é definida como a habilidade de ‘fazer corresponder ou adequar por mudança ou ajuste’, modificando alguma coisa para criar uma mudança de estrutura, função e forma, que produz uma melhor adequação” (FIELD, 2001, p. 174). De acordo com Syd Field (2001), adaptar um romance, uma peça ou um conto para o cinema é a mesma coisa que escrever um roteiro original; deve “... preservar em primeiro lugar a sua autonomia fílmica, ou seja, deve-se sustentar como obra fílmica, antes mesmo de ser objeto de análise como adaptação” (BALOGH, 2005, p. 53).

A série *Harry Potter* é uma das obras literárias mais bem sucedidas da última década, com mais de 400 milhões de livros vendidos em todo o planeta<sup>4</sup>. Tanto sucesso rendeu oito filmes baseados nos sete livros escritos por J.K. Rowling, tornando *Harry Potter* a franquia mais lucrativa do cinema, com mais de sete bilhões de dólares arrecadados nas bilheterias<sup>5</sup>.

A história de Harry Potter começa quando este perde os pais quando era um bebê e, anos mais tarde, descobre que é um bruxo e vai para Hogwarts, uma escola em que jovens bruxos aprendem magia. Embora Rowling tenha criado um mundo em que a presença da magia é constante, as bases que estruturam este universo mágico e o modo como este mundo se organiza é semelhante ao mundo dos trouxas<sup>6</sup>, em que as organizações como Hogwarts e o Ministério da Magia funcionam de modo semelhante às escolas e organizações governamentais não mágicas.

Harry Potter é uma pessoa marcada e tem que enfrentar desafios que põem em risco a sua vida. A humanidade e imperfeição com que o herói foi construído o tornam verossímil, assim como toda a sua história, e é a partir daí que o público consegue se conectar a ele e simpatizar pelo personagem e sua causa. À medida que Harry se torna parte da comunidade bruxa, a magia deixa de ser algo espetacular e se transforma em um aspecto do cotidiano do garoto. Sobre essas bases, são atribuídas características heroicas

---

<sup>4</sup> Segundo dados obtidos no site The Leaky Cauldron, um dos mais importantes sites de fã, e que por diversas vezes contou inclusive com colaboração da autora, tendo sido inclusive recomendado em seu site oficial. Disponível em: <<http://www.the-leaky-cauldron.org/2008/6/17/harry-potter-book-sales-top-400-million-mark>>

<sup>5</sup> Segundo dados obtidos no site <http://boxofficemojo.com/franchises/chart/?id=harrypotter.htm>

<sup>6</sup> Na cultura dos bruxos criados por J.K. Rowling, trouxas são as pessoas comuns, sem poderes mágicos.

que denotam o poder do personagem e fortalecem esse arquétipo, que gera tanta identificação com o público.

Como acontece em qualquer outra produção cinematográfica, o personagem Harry Potter também sofreu pequenas alterações. Essas alterações, muitas vezes, geraram debates acalorados entre os fãs dos livros, expressados principalmente em blogs e sites especializados. De um modo geral, o personagem fílmico, apesar de percorrer a mesma trajetória que o personagem literário, mostra-se incompleto em diversos momentos da história: a velocidade da narrativa cinematográfica muitas vezes impediu o aprofundamento nas características heroicas do personagem em função da valorização da ação, e muitas decisões tomadas pelo protagonista pareceram precipitadas, bem como os valores e a força de Harry parecem menos importantes. Dessa forma, entende-se que os principais motivos que levaram à identificação do público com o personagem literário se perderam na adaptação – o que não desmerece, de imediato, a criação fílmica, que manteve a estrutura de ações relativamente igual.

Por meio de uma análise comparativa, este artigo pretende mostrar como o personagem Harry Potter é diferente nas duas mídias e como as mudanças feitas no roteiro em relação à obra original mudam a maneira como observamos o desenvolvimento de Harry e influencia no modo como ele responde como herói. Elegemos como objeto de estudo os livros e filmes *O Cálice de Fogo*, *A Ordem da Fênix* e *Relíquias da Morte* porque são volumes em que Voldemort aparece em cena com seus poderes restaurados, o que faz com que estas obras permitam que a atuação de Harry como herói seja explorada ao máximo. O livro e filme *A Pedra Filosofal* também faz parte da análise porque é o início da história, e serve para contextualizar toda a trama.

## Desconstruindo o herói

Uma ideia interessante não basta para que uma história seja boa. Além de uma trama atraente e coesa, os personagens precisam envolver e conduzir o leitor/espectador a acompanhá-los na trajetória a ser percorrida. Existem características universais que se repetem em histórias de culturas, épocas e locais totalmente diferentes, que fazem com que a pessoa se familiarize e se identifique com a história. Estes elementos foram identificados e organizados em uma estrutura conhecida como *A Jornada do Herói*, desenvolvida no livro *O Herói de Mil Faces* pelo mitólogo Joseph Campbell (2007) e adaptada pelo autor Christopher Vogler (2006) no livro *A jornada do escritor*.

Uma análise sucinta das obras permite observar que a Jornada do Herói em *Harry Potter* apresenta todas as etapas; algumas delas são evidentes, e seguem à risca o padrão estabelecido por Campbell e Vogler, outras estão abertas a interpretações e exigem mais atenção para serem identificadas, pois aparecem mescladas com outras fases ou parecem estar ausentes. No entanto, como ela se apresenta por completo em *Harry Potter*, a adaptação dos livros para o cinema foi feita facilmente. Os estágios da Jornada nos livros e filmes são iguais, mas são os detalhes que compõem cada fase e que não puderam ser adaptados para as telas que diferenciam a história em ambos, como acontece com a elaboração do herói da série, Harry Potter.

O arquétipo do herói representa “a busca da identidade e a totalidade do ego” (VOGLER, 2006) e é o que permite ao leitor ou espectador se identificar com a história, pois é por meio do herói que vivenciamos a trama. Essa identificação acontece porque os protagonistas possuem características universais, e passam por situações comuns à maioria das pessoas.

Joseph Campbell percebeu como a jornada do Herói corresponde a diferentes fases da vida, particularmente o desenvolvimento da consciência e a descoberta da identidade. Mesmo as histórias de herói mais simples dramatizam a complexidade dos percalços enfrentados pelo homem comum (NATOV, 2002, p. 128, tradução nossa).

O herói precisa ter qualidades que permitam que o público o admire e respeite, mas um protagonista certinho e perfeito não desperta o interesse de ninguém, pois isso o afasta do leitor/espectador, que não se identifica e nem se afeiçoa ao herói. Harry Potter é um garoto de índole boa, corajoso e decente. Ele faz amigos, se interessa por esportes, e acima de tudo, deseja pertencer a um grupo e ser amado. Contudo, de acordo com a própria autora, J. K. Rowling, os maiores defeitos de Harry são a raiva e arrogância<sup>7</sup>. Muitas vezes, ele é nervoso e impaciente, e de um modo bem discreto, é egocêntrico.

Um herói não tem a oportunidade de evoluir sem desafios que exijam que ele teste e aperfeiçoe suas habilidades. Geralmente, estes obstáculos são impostos por um vilão. De acordo com Paula Faria, o arquétipo do vilão é essencial para o desenvolvimento do herói:

The villain is part of the construction of the hero archetype. An essential part, I would say, for he is the goal of the journey, the center of the maze. How the hero

<sup>7</sup> Conforme registrado no site Potterish <http://conteudo.potterish.com/chat-online-bloomsbury-com-jk-rowling/>

faces his villain is what defines his journey. Without a villain and the obstacles posed by him/her, there would be no need for a journey. (FARIA, 2008, p. 43)<sup>8</sup>

Em *Harry Potter*, o grande vilão é Lorde Voldemort, mas ele não é apenas uma força antagonista ao herói. Em entrevista para a revista *Entertainment Weekly*<sup>9</sup>, Rowling diz que Voldemort é “um psicopata enfurecido, desprovido da capacidade humana de reagir ao sofrimento alheio”. Essa definição do personagem se encaixa perfeitamente no conceito do monstro:

O monstro pode ser considerado a personificação do MAL, ou seja, pode ser tudo aquilo que causa estranhamento e representa horrores extremos. Para Luiz Nazário, o Monstro define-se em oposição à humanidade, ele é seu inimigo mortal, aquele contra o qual ela só pode reagir pelo extermínio. Essa oposição pode ser apresentada sob a máscara de seres que não representam uma dimensão da existência humana, mas uma força da natureza desviada contra a humanidade: o MAL em estado puro. (RAMOS, 2012, p. 04).

De acordo com Thais Ramos (2012), monstros são criaturas que podem servir como uma representação do mal causado e sofrido pelo ser humano. Eles não sentem culpa pelos danos que causam e podem aparecer na forma de “um homem moral e/ou fisicamente alterado, mutilado ou deformado pela natureza”. Apesar de ter nascido sob a forma de um humano, Voldemort mutilou a si mesmo de todas as maneiras possíveis; ele é completamente mau, fisicamente deformado, e como se isso não bastasse, ele mutilou a própria alma diversas vezes, em busca da imortalidade.

A primeira adaptação, *A Pedra Filosofal* não traz grandes mudanças em nenhum aspecto do filme, e isso abrange também o modo como Harry responde como herói. Por exemplo, no final da história, os obstáculos que protegem a Pedra Filosofal e que Harry, Rony e Hermione têm de ultrapassar são reduzidos em quantidade no filme para que cada um deles tenha o seu momento de glória. No entanto, isso enfraquece o papel de cada um dos três quando atuam como coadjuvantes em cada tarefa, enquanto na versão original a ação é mais bem distribuída. Com relação a Harry, apesar de ele ter seu momento de destaque no obstáculo das chaves aladas, ele se torna mero coadjuvante que obedece a ordens nas outras tarefas, ou seja, um personagem cuja ação e poder de decisão é reduzida.

Já em *O Cálice de Fogo*, há mudanças significativas em relação ao livro, que influenciam na percepção do público em relação à atuação de Harry como herói. Em

---

<sup>8</sup> “O vilão é uma parte essencial para a construção do arquétipo do herói, pois ele é o objetivo da jornada. O modo como o herói o confronta define a jornada, e sem o vilão, não há motivos para a existência da jornada” (tradução livre).

<sup>9</sup> Conforme registrada no site Potterish <http://conteudo.potterish.com/fire-storm/>

primeiro lugar, foram eliminadas dificuldades que o personagem apresenta em relação a determinadas coisas, como a aprender o feitiço “Accio<sup>10</sup>”, por exemplo. Apesar disso, as alterações realmente relevantes que foram feitas neste filme acontecem principalmente no cemitério, após a ressurreição de Voldemort. Com a intenção de demonstrar que retornou poderoso, o Lorde das Trevas<sup>11</sup> lança em Harry a Maldição *Imperius*, para se divertir vendo o garoto obedecê-lo. No entanto, Harry consegue resistir à maldição, e o que é um grande feito. Todo esse evento foi eliminado do filme.

A outra mudança em relação ao livro é o modo como o *Priori Incantatem*<sup>12</sup> foi retratado no filme. Na versão original, a força de vontade de Harry subjuga a varinha de Voldemort, que regurgita os últimos feitiços realizados por ela. A dominação de Harry fica muito clara, e Voldemort se mostra realmente apavorado, pois ele não sabia até então que a varinha dele e de Harry são irmãs e não compreende o fenômeno que se passa ali. Além disso, Voldemort percebe que Harry é um adversário à altura, já que ele acreditava que o garoto tinha sobrevivido aos encontros com ele por causa da ajuda de terceiros. O *Priori Incantatem* simboliza o elo entre os dois bruxos, que é representado no filme apenas pela ligação das suas varinhas, e as forças entre elas se mantêm equilibradas inclusive na representação imagética dos feitiços lançados – em forma de raios que se chocam em um centro, enquanto a descrição do livro mostra o raio de Harry chegando até a varinha de Voldemort.

Estes dois acontecimentos foram modificados no filme de tal forma que diminuem a força de Harry, pois a resistência à *Maldição Imperius* e a sua 'vitória' no *Priori Incantatem*, pelo menos no livro, representam a coragem e a determinação do garoto. Excluído isso do filme, Harry não demonstra ao seu grande inimigo que ele é um adversário à altura, o que o transforma em um herói fajuto.

Na versão de *Harry Potter e a Ordem da Fênix* para o cinema, um evento importante está relacionado à ligação entre a mente de Harry e o Lorde das Trevas. Dumbledore acreditava que se Voldemort tivesse conhecimento dessa ligação poderia plantar pensamentos falsos no garoto e manipulá-lo. Portanto, Dumbledore decide que

---

<sup>10</sup> Feitiço usado para atrair objetos.

<sup>11</sup> Uma das expressões usadas para se referir a Voldemort.

<sup>12</sup> Fenômeno que acontece quando os encantamentos de duas varinhas que possuem o mesmo núcleo, da mesma origem, colidem. A varinha cujo feitiço é dominante faz com que a outra regurgite seus últimos feitiços.

Snape ensinaria Oclumência<sup>13</sup> a Harry, mas o garoto não aprende, pois em uma aula, Snape é chamado para socorrer um aluno da Sonserina e deixa Harry sozinho: a curiosidade do garoto o leva a espiar os pensamentos de Snape guardados na Penseira<sup>14</sup>, o que enfurece Snape de tal forma que ele expulsa Harry da sala e as aulas acabam aí. No filme, o ensino da Oclumência foi usado para reforçar a animosidade entre Harry e Snape, e as aulas se encerram porque Harry usa um feitiço para proteger a sua mente de Snape, e sem querer, Harry vê a mesma memória que no livro, que consiste em Snape sendo humilhado por Thiago Potter, pai de Harry. Se na versão original Harry tem culpa pelo fim das aulas de Oclumência, no filme acontece o oposto e ele sai da história como o injustiçado. No livro, Voldemort tem conhecimento do elo entre a sua mente e a de Harry, e para que isso não se perca, ele instiga a curiosidade do rapaz, permitindo que ele veja fragmentos de uma porta por meio de sonhos e que Harry descobre mais tarde se tratar do Departamento de Mistérios do Ministério da Magia. No filme, não existem momentos em que Voldemort tenta Harry com visões da porta: ele só descobre que se trata de tal Departamento quando ele tem uma visão falsa de Sirius sendo torturado.

Outra mudança ligada à Oclumência é o comportamento de Hermione. Ela aproveita todos os momentos em que não está ocupada para cobrar Harry por não estar aprendendo a fechar sua mente e lembrá-lo que essa atitude colabora com Voldemort. Além de se aborrecer com a amiga, Harry ignora por completo todos os seus argumentos. No filme, a falta de atitude da garota faz com que as atitudes equivocadas e impulsivas de Harry pareçam não gerar consequências graves, e o que acontece em seguida – a invasão ao Ministério que culmina na morte de Sirius – pareça ser obra do destino. Comparado ao livro, no filme Harry é inocentado de sua culpa mais uma vez. Como veremos a seguir, esses momentos de culpa ajudam a demonstrar traços de imperfeição e humanidade do herói, que se tornam superficiais nos filmes.

Ainda sobre a atitude de Harry após ver Voldemort torturando Sirius, o único membro da Ordem da Fênix em Hogwarts é Snape, mas Harry nem se lembra que ele estava na escola. Por conta de mudanças em eventos menos importantes, no filme Hagrid e McGonagall possivelmente estavam presentes, e a atitude de Harry de fugir e ir até o Ministério, sem tentar entrar em contato com ninguém e sem verificar se a visão que ele

---

<sup>13</sup> Oclumência é o ato de fechar a mente para influências externas. Para praticar a Oclumência, a pessoa precisa esvaziar a mente e não pensar em nada. O ato de se infiltrar na mente de alguém é a Legilimência

<sup>14</sup> Bacia de pedra em que é possível depositar pensamentos e 'revivê-los', para que seja possível analisá-los quantas vezes a pessoa quiser.

teve era real, sugere impulsividade e falta de escrúpulos. Aliás, o relacionamento entre Harry e Sirius é pouco explorado no quarto e quinto longas, e mesmo que Harry se mostre aflito com tal acontecimento, permanece calmo todo o tempo. No livro, a impulsividade é justificada como um comportamento urgente, pois Harry fica completamente desesperado para salvar o padrinho – dada a relação anterior. Portanto, a única coisa em que ele pensa é em como fugir de Hogwarts. Já no filme, a calma com que o personagem age, somada ao que já foi mencionado anteriormente, faz parecer equivocadamente que Harry age sem pensar naturalmente, o que descaracteriza por completo o herói, que possui uma natureza cautelosa.

A batalha no Ministério da Magia do filme é bem diferente do livro. Na versão literária, a batalha é muito mais violenta, e os membros da Armada de Dumbledore que acompanham Harry se machucam muito mais – causando pesar em Harry; apenas ele e Neville Longbottom têm condições de lutar e fugir sem auxílio. Durante a batalha, acrescentaram um momento no filme logo antes da morte de Sirius, em que ele diz a Harry para juntar seus amigos e sair dali, mas o garoto responde que quer ficar e lutar com o padrinho. Essa atitude relembra a impulsividade e valentia exagerada com que o garoto age nos filmes, e reforça o afeto entre Harry e Sirius, na tentativa de causar mais emoção no que vem a seguir, quando o padrinho é morto por Bellatrix Lestrange.

Por fim, a parte final do livro *Harry Potter e a Ordem da Fênix* é muito diferente do filme. A cena em que Dumbledore conversa com Harry sobre a profecia é carregada de emoções: raiva, ressentimento e tristeza por parte de Harry, que se culpa pela morte de Sirius, que sente raiva de Dumbledore por tê-lo ignorado durante um ano inteiro e que sente certo receio por descobrir que ele terá de matar ou ser morto em um futuro não muito distante. Depois de o garoto extravasar todos os seus sentimentos quebrando o escritório inteiro de Dumbledore, esta cena é cheia de explicações e histórias, o que atenua no livro a atribuição de culpa de Harry e a distribui também entre os adultos envolvidos, isto é, Dumbledore e Sirius. Na versão para o cinema, esta parte se reduziu a uma mera explicação sobre a profecia, e todo o resto que foi deixado de fora acabou enfraquecendo um pouco a importância do momento. Sem a atenuação da culpa, Harry vive apenas de impulso e não assume por completo a responsabilidade que lhe é real. Essa abordagem superficial não condiz com o personagem, que sente uma raiva e tristeza profundas no livro, por carregar consigo a culpa por ter levado Sirius ao lugar onde ele foi morto.

Além disso, Harry está com medo pelo que o futuro em relação a Voldemort lhe reserva. No filme, ele se mostra triste, mas esperançoso e o final transmite uma mensagem de otimismo, que destoa por completo do seu encerramento original<sup>15</sup>. O herói se encontra emocionalmente acabado, e naquele momento final, não há nada que o anime o suficiente que justifique a versão cheia de esperança que o filme mostra.

A história de *Harry Potter e as Relíquias da Morte* começa com Harry sendo escoltado da Rua dos Alfeneiros para um local seguro, neste caso, a casa dos Weasley. Assim que Harry e sua escolta<sup>16</sup> deixam a casa dos Dursleys, eles são atacados por Comensais da Morte. Harry sempre usa o feitiço *Expelliarmus*<sup>17</sup> em batalha, e não é diferente na saída da casa dos tios, o que denuncia a sua posição aos inimigos. Na versão para o cinema, essa característica marcante na construção do lado heroico de Harry nos livros é deixada de fora, e a coruja de estimação Edwige é quem denuncia qual é o verdadeiro Harry, ao tentar protegê-lo dos ataques. Apesar de Harry continuar usando o *Expelliarmus*, inclusive na batalha final contra Voldemort, a ênfase no modo como Harry age é perdido no filme. No livro, após chegar a salvo na casa dos Weasley, Lupin repreende Harry, pois o uso deste feitiço em um momento tão crítico é que o denunciou a Voldemort, já que o *Expelliarmus* em uma espécie de “assinatura”. Lupin acrescenta que, se Harry não está preparado para matar, que pelo menos use feitiços que nocauteiem o adversário. Harry responde que deixar o comensal desacordado em cima de uma vassoura a vários metros de altura seria o mesmo que matá-lo. Harry acrescenta que não sairá por aí matando as pessoas só por causa de Voldemort, que isso é o serviço do Lorde das Trevas, e que o *Expelliarmus* já salvou o rapaz várias vezes.

Já a salvo na casa dos Weasley, existe uma cena no livro que é alterada no filme, e caracteriza de uma forma interessante o modo como Harry reage a conflitos, principalmente quando alguém está em perigo. No meio da noite, Harry pretendia deixar a casa, pois não quer que mais ninguém morra por ele, mas Rony percebe e vai atrás dele. Rony responde que não se trata apenas dele, o Harry Potter, que a sua salvação é parte de

---

<sup>15</sup> O final do livro e do filme tem em comum o fato de Harry receber o apoio dos amigos. Mas no livro, os membros da Ordem da Fênix que o recebem na Plataforma 9 ¾ oferecem seu apoio e ralham com os parentes de Harry para que o tratem melhor neste momento difícil, enquanto no filme, o fim é cheio de esperança.

<sup>16</sup> Para despistar possíveis inimigos, são usados chamarizes; neste caso, seis pessoas tomam uma poção que as transformam em Harry Potter.

<sup>17</sup> Feitiço usado para desarmar o oponente, que ele aprende no segundo livro/filme da série em uma aula que visava ensinar os alunos a se protegerem de possíveis ataques dentro de Hogwarts. Em pouco tempo, Harry domina o feitiço – sendo um dos primeiros em que ele realmente é ‘mestre’ – a ponto de usá-lo em diversas ocasiões.

algo muito maior, que é o combate a Voldemort. Nos livros *O Cálice de Fogo* e em *A Ordem da Fênix*, Rony e Hermione mencionam, respectivamente, que Harry tem a mania de salvar as pessoas e de bancar o herói. Já nos filmes, é somente nesse momento que esse aspecto da personalidade do protagonista é enfatizado.

Após encontrarem uma das horcruxes, o medalhão verdadeiro cuja réplica foi resgatada por Harry e Dumbledore no livro anterior, Harry, Rony e Hermione ficam impossibilitados de voltar para um lugar seguro e permanecem viajando pelo país sem rumo: os três estão desorientados e não sabem como continuar as buscas. Rony e Hermione acreditam que Harry não lhes contou tudo o que Dumbledore disse a ele, e esperam uma liderança mais ativa do rapaz. Harry, por sua vez, só não é ativo porque está sendo racional. No livro, baseado muito mais nas reflexões e sentimentos de Harry, ele evita tomar ações porque não tem referências que as deem sustentação, indicando qual caminho ele poderia tomar. Portanto, ao invés de agir, Harry tenta descobrir alguma pista por meio das visões que ele tem acesso por causa da ligação entre a sua mente e a de Voldemort. No filme, a transposição dessa falta de ação de Harry tornaria a história arrastada. As cenas dedicadas a mostrar a falta de ação do protagonista, em que ‘nada acontece’, foram compiladas em uma sequência que mostra trechos de Harry, Rony e Hermione viajando. Só que, sem os momentos de introspecção, o personagem fica vazio no filme. Além disso, a liderança de Harry é enfraquecida no audiovisual porque é Hermione quem sempre encontra as soluções para os enigmas e toma iniciativa.

No filme, a subtrama das Relíquias da Morte se resumiu a mostrar o que são elas e que Voldemort está atrás da mais poderosa, a Varinha das Varinhas. Como a importância delas é enfraquecida no filme, a obsessão de Harry por elas também é eliminada. Podemos interpretar que Harry direciona sua atenção para os presentes da Morte no livro porque, além de ele acreditar ser dono de duas delas (a Capa de Invisibilidade e a Pedra da Ressurreição), obter a Varinha equivaleria a destruir todas as horcruxes. Harry aprende sobre as relíquias em um momento em que não existe motivação para continuar procurando as horcruxes, pois ainda faltam muitas, e Voldemort fica cada vez mais poderoso. Harry muda de foco na esperança de derrotar Você-Sabe-Quem recorrendo a um meio mais ‘fácil’.

Além disso, Dumbledore havia dado a ordem a Harry para procurar as horcruxes, mas a confiança que o rapaz tem no diretor fica abalada quando ele percebe que conhece muito pouco sobre o passado do seu mentor. São os eventos do início do sétimo livro que

inserem essas dúvidas nas reflexões de Harry – a desconfiança sobre o suposto descaso de Dumbledore com os irmãos, a morte suspeita da sua irmã abortada<sup>18</sup>, a amizade com Gerard Grindewald<sup>19</sup> e os planos de dominar os bruxos e os trouxas junto dele. Toda a subtrama envolvendo este passado obscuro de Dumbledore foi mostrada tão superficialmente no filme que apesar de causar estranheza a princípio, elas não são exploradas a ponto de arranhar a imagem de Dumbledore. Acontece que, no livro, essas descobertas sobre o diretor influenciam no modo como Harry toma determinadas decisões que atingem diretamente o andamento das coisas. Sem essa informação no filme, os questionamentos de Harry ficam sem fundamento.

Somente após a morte do elfo doméstico Dobby, Harry decide assumir o compromisso de agir para derrotar Voldemort. Depois de enterrar o elfo e refletir sobre tudo o que aconteceu até então, Harry decide finalmente em que focar para destruir Voldemort. A partir daí, tendo como guia informações descobertas na mansão dos Malfoy, Harry arma um plano com Rony e Hermione para dar continuidade à busca pelas horcruxes. Essa mudança de atitude é muito marcante no livro, pois acontece depois de um longo período de apatia, em que Harry se torna um rapaz decidido e com iniciativa. Entretanto, essa alteração de comportamento perde a força na versão cinematográfica, pois não havia ênfase na falta de liderança dele, e a divisão da história que separa os dois filmes ocorre exatamente neste momento. Apesar de Harry ter algum tempo em cena em que ele parece refletir sobre o que tem acontecido, logo vemos a cena em que Voldemort rouba a Varinha e o filme acaba. Quando começa *Harry Potter e as Relíquias da Morte parte 2*, Harry já está transformado, e como os dois filmes são muito diferentes, essa mudança de postura faz parte da mudança de gênero entre os filmes – de um filme de estrada para um filme épico.

Próximo do final do filme, após ver o conteúdo das memórias de Snape antes deste morrer, Harry aceita fazer o que deve ser feito, e vai de encontro à morte. O ato de se sacrificar pelas pessoas que ele ama cria uma proteção: após tentar matar Harry, as investidas de Voldemort contra seus amigos não surtem efeito, nem mesmo em Harry, que teve a opção de continuar vivo. Além disso, o rapaz tem consciência de que não será afetado por Voldemort, porque ele é, desde o momento em que retorna de King's Cross, o

---

<sup>18</sup> Bruxos que nascem sem poderes mágicos são chamados de Abortos. É o oposto de bruxos nascidos em famílias trouxas.

<sup>19</sup> Poderoso bruxo das trevas, anterior a Voldemort. Grindewald foi derrotado por Dumbledore.

mestre da morte<sup>20</sup>. Consciente de que não vai morrer, Harry se mostra confiante e superior ao oponente e isso torna evidente outra característica da personalidade heroica: a misericórdia. No momento da luta final, Harry permite que Voldemort se arrependa de tudo o que fez e salve o que sobrou de sua alma. A confiança que Harry sente, e o temor que isso causa em Voldemort, principalmente quando Harry pede a ele que sinta algum remorso, afirmam a superioridade dele em relação a Voldemort; Harry se comporta como um verdadeiro vencedor.

No filme, as mudanças realizadas neste trecho da última batalha dão muita importância à ação. A parte em que Harry se torna o Senhor da Morte e tem consciência de que Voldemort não pode feri-lo e nenhuma das pessoas que ele protegeu é excluída do filme, enfraquecendo o poder do protagonista e da própria cena. O diretor David Yates quis transformar o clímax entre Harry e Voldemort em uma grande batalha: tenta-se construir a força do herói porque ele se joga em uma batalha de vida ou morte, e não porque ele superou a morte. A luta final entre o protagonista e seu grande inimigo se transforma em uma pirotecnia visual cheia de ação e de elementos que a tornam mais perigosa, e o diálogo entre Harry e Voldemort ocorre sem espectadores.

O poder da batalha final no livro se sustenta de forma bem simples; toda a importância e todo o foco da ação são voltados para Harry e Voldemort. O único movimento é dos dois adversários se rodeando e se preparando para lançarem seus feitiços, enquanto dialogam. A abordagem realizada no filme enfatiza o espetáculo visual, enquanto a versão do livro dá extrema importância ao espetáculo do próprio acontecimento em si, da narrativa. A preferência pela ação no filme enfraquece o poder de Harry, e mesmo que ele pareça confiante, a não valorização da construção da trama impede que Harry se posicione como superior a Voldemort durante a última batalha.

Assim, analisando a atuação de Harry como herói nos livros e filmes, podemos notar que apesar de terem diretores diferentes, as versões cinematográficas fazem uma abordagem parecida do herói. Por causa da duração limitada, os filmes deixam de se aprofundar na construção do personagem e dos acontecimentos que o levam a ter determinadas reações, e isso muda a caracterização de Harry. No filme *A Ordem da Fênix*,

---

<sup>20</sup> Inúmeros eventos protegem Harry de ser morto: a Horcruxe que Harry se tornou e o fato de Lilian Potter ter morrido para proteger o filho. Além disso, soma-se ele possuir as três relíquias da morte, objetos mágicos que protegem o dono; são eles: a capa de invisibilidade que herdou do pai, a pedra que Dumbledore deixou a ele, e a varinha de Dumbledore que, por uma série de eventos, reconhece que o garoto é o verdadeiro dono. Ainda assim, foram dadas a Harry as opções de morrer ou viver após o ataque de Voldemort.

Harry age como um garoto mimado e sem limites, e que é inocentado da culpa em relação às suas atitudes. Já nas adaptações de *Relíquias da Morte*, Harry passa a impressão de ser um líder apagado, pois as justificativas para este comportamento são excluídas do filme. Um ponto em comum em todos os filmes é que a força do herói é muito enfraquecida.

### Considerações Finais

Apesar de possuírem em comum o ato de contar uma história, livros e filmes possuem linguagens diferentes, o que torna necessária a realização de alterações que permitam que a narrativa literária fique apropriada se adapte para a cinematográfica. Essas modificações geralmente resultam em perdas de informações que podem ser bem exploradas em um livro, mas que se transformam em pontos mortos em um filme, especialmente longas-metragens de grandes orçamentos. Em *Harry Potter*, os livros ganham profundidade a partir do quarto volume, portanto percebemos mais claramente as mudanças realizadas na série fílmica a partir daí, especialmente a construção dos personagens, como o protagonista da série.

Harry Potter é um ser humano com qualidades e defeitos, que se depara com obstáculos que permitem que ele desenvolva seu caráter e suas habilidades a ponto de realizar feitos grandiosos, que o tornam um herói. A narração dos livros, apesar de ser em terceira pessoa, é feita de acordo com o ponto de vista de Harry, como se fosse a consciência dele, explorando a fundo os seus pensamentos e emoções, dando profundidade ao personagem. Por causa da duração de cada filme, os realizadores deram preferência à ação em detrimento do desenvolvimento do roteiro, o que tornou a abordagem do protagonista superficial. Analisando o papel de Harry como herói nos livros e filmes, fica claro que no original a força desse arquétipo não acontece por meio da ação direta, mas sim por elementos implícitos: o caráter, a fibra moral e o modo como Harry age em batalha é que representam o seu poder. O herói é um ser humano comum, capaz de realizar grandes feitos, e é isso o que o identifica com o público:

“Um Herói bem construído pode ser decidido, dispersivo, encantador, esquecido, impaciente, forte de corpo, mas fraco de coração, tudo ao mesmo tempo. É a combinação especial dessas qualidades que dá à plateia a noção de que o Herói é único, uma pessoa real, e não um tipo” (VOGLER, 2006, p. 77).

Como os filmes excluíram acontecimentos que servem de base para construir a personalidade do protagonista, a figura do herói nas versões cinematográficas fica enfraquecida, pois no caso de Harry, o que o define como herói se apoia no que constitui a personalidade dele, e não apenas no que ele realiza, de fato.

Como os filmes valorizaram a ação, Harry realiza as mesmas coisas que no livro, ele atinge os mesmos objetivos, mas o modo como isso é mostrado perde o impacto e relevância das versões originais. O herói fílmico, portanto, é constituído de um caráter fragmentado: analisando a obra como um todo, as experiências que ele vive em cada filme não oferece realmente uma continuidade como no livro – o que se agrava entre o quarto e oitavo episódios. Suas ações ocorrem baseadas muito mais no campo da superficialidade, e há muito mais dependência dos personagens coadjuvantes. Dessa forma, o que se enfraquece também é a relação entre o herói e o espectador.

Apesar de J.K. Rowling não ter escrito *Harry Potter* com um público específico em mente, as histórias do menino bruxo foram direcionadas, a princípio, para as crianças. Apesar de a narrativa ganhar maturidade com o envelhecimento dos personagens, a série cinematográfica é vendida como um filme ‘para a família’. É possível que a mudança na caracterização de Harry, mostrando-o como uma pessoa mais benevolente, aconteça por causa das crianças que ainda não entendem as nuances que um personagem deve ter, impedindo que elas se confundam e acreditem que uma ação negativa signifique que o protagonista não é bom. Ou seja, é possível que essa alteração no comportamento do personagem tenha sido feita para vender um filme de herói para o público médio. De modo algum se argumenta, nesta breve análise, que o livro é melhor que o filme: se a forma fílmica não apresentasse um bom resultado, não teria alcançado um número tão grande em audiência. No entanto, olhando apenas para o personagem principal, é possível constatar que a urgência da adaptação necessita de outros valores que não são os do herói: este está presente como um arquétipo reconhecível, mas que se encerra em cada filme. Assim, é impossível para um filme nos moldes hollywoodianos se apoiar meramente nessa figura do herói, e a conquista da audiência passa a ser centrada em estruturas não-narrativas, mesmo que estas contribuam esteticamente no desenrolar da história.

## Referências Bibliográficas

AMORIM, Marcel Álvaro. Ver um livro, ler um filme: sobre a tradução/adaptação de obras literárias para o cinema como prática de leitura. XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. 23-27/ago/2010. Anais. Cifefil: Rio de Janeiro, 2010, p. 1725-1739.

BALOGH, Ana Maria. *Conjunções, Disjunções, Transmutações – Da Literatura ao Cinema e à TV*. São Paulo: Annablume, 2005.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

FIELD, Syd. *Manual do Roteiro: um guia prático para a escrita cinematográfica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MCCABE, Bob. *Harry Potter: Das páginas para a tela- a jornada completa das filmagens*. Barueri, SP: Panini Books, 2011.

NATOV, Roni. *Harry Potter and the Extraordinariness of the Extraordinary*. In: *The Ivory Tower and Harry Potter: Perspectives on a Literary Phenomenon*. Ed. Lana A. Whited. Columbia, Missouri: University of Missouri Press. 2002. P. 125 - 139

RAMOS, T. S. *SHERLOCK HOLMES - A figura do monstro e a transposição das narrativas de horror para a adaptação de Sherlock Holmes do diretor inglês Guy Ritchie*. In: Conferência Internacional Cinema Arte, Tecnologia, Comunicação, 2012, Avanca. AVANCA | Cinema 2012. Avanca: Edições Cine-Clube de Avanca, 2012. p. 0728-0735.

VOGLER, Christopher. *A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.